



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A Brasília de Sampaio

Na virada da década de 1970, um rapaz magricela apareceu no programa *Fantástico*, da Rede Globo, cantando versos estranhos: “Hoje está passando um filme de terror/Na sessão das 10 um filme de terror/Dura um ano inteiro o filme de terror”. A repórter perguntou ao cantor por que tanto horror e ele respondeu: “É uma questão de alimentação. A-li-men-ta-ção”. Estávamos no ápice do regime de exceção. O cantor capixaba Sérgio Sampaio nasceu na mesma Cachoeiro do Itapemirim, de Roberto Carlos. Os dois primeiros discos de Sampaio são primorosos. Em

Brasília ele tinha — e tem — muitos admiradores apaixonados por sua música. E, da minha parte, tive a chance de contribuir para ampliar a conexão de Sampaio com Brasília. Eu participava do conselho consultivo da Funarte e sugeri que ele fosse convidado a fazer um show no auditório da instituição, próximo à Torre de TV. Sérgio apresentou performance memorável, acompanhado apenas do violão. Ele era uma espécie de anti-Roberto Carlos, não sabia conviver com o sucesso. No entanto, era fã do contrerrâneo, sempre quis que alguma composição sua fosse cantada por Roberto, mas foi inútil. Sampaio vingou-se com uma linda e pungente canção, *Meu pobre blues*: “Eu não preciso de sucesso/Só quero ouvi-lo cantar meu pobre blues/E nada mais”. Um outro grande momento do show foi a canção *Ninguém vive por mim*, em que

Sérgio toca na sina de marginalizado pela indústria cultural. Ele resistiu de maneira heroica: “Fui tratado como um louco/Enganado feito um bobo/Devorado pelos lobos/Derrotado, sim/Escapei desta quadilha/E hoje estou aqui/O pior dos temporais/aduba o jardim”. Pois bem, depois desse show, Sérgio voltou várias vezes a Brasília, fez amigos e namorou mulheres brasilienses. E, o mais importante, compôs uma linda canção para Brasília, com toda franqueza, contundência e afeto. Ela não se perdeu graças ao empenho de Zeca Baleiro, que a recolheu e registrou no disco póstumo *Cruel*. Da mesma maneira que tantos outros forasteiros, Sampaio chega a Brasília atulhado de preconceitos, ideias fechadas e frases feitas. Mas, ao abrir-se para a convivência com os brasilienses e com o cotidiano, ele

começa a perceber as singularidades da cidade: “Quase me sinto em casa em meio a suas asas/E dabluis e eixos e ilhas/Brasília cidade que um dia eu falei que era fria/Sem alma, nem era Brasil/Que não se tomava café numa esquina/Num papo com quem nunca viu”. E acho que todos nós que não nascemos na cidade fazemos esse percurso, com menor ou maior variação. Primeiro, o estranhamento e a recusa; em seguida, a interação com as circunstâncias novas; e, por fim, o reconhecimento de Brasília. E não foi diferente com Sérgio Sampaio. Mas o que me parece interessante é a franqueza com que ele expressa as dificuldades, os trâmites e os limites do embate com a cidade. Não esconde os desencontros, os desafios e a indiferença inicial. Não concebe o diálogo fácil e demagógico, como fazem,

por exemplo, os cantores sertanejos. Em vez disso, afirma que “quase” se sente em casa em Brasília e admite que precisaria de mais tempo para captar a cidade no desenho, nos lugares e no espírito. Reconhece, humildemente, que é preciso conhecer primeiro, antes de lançar veredictos sumários, com ares de juízo final: “Sei que preciso aprender/quero viver pra saber/e conhecer Brasília/Ver o que há no Paranoá/lago de sol, noite, lua”. Os forasteiros que aterrissam em Brasília, carregados de verdades prontas e de armadilhas, deveriam ouvir essa canção de um estrangeiro que abriu os radares para interagir com a cidade e se enamorou por ela. A canção de Sampaio mostra que o amor é uma forma de conhecimento sobre a cidade: “O olho do amor/desconhece armadilha/assim vim ver Brasília”.

NATUREZA



Brenda dos Reis aproveita o intervalo do trabalho para tirar fotos do jacarandá-mimoso

Um gostinho da primavera

» BEATRIZ OCKÉ*

Em meio à imensidão do céu azul de Brasília, tons intensos de lilás e roxo começam a despontar e a chamar a atenção do brasiliense. É a chegada do jacarandá-mimoso, que traz novas cores ao arco-íris de árvores que colore o Cerrado durante a seca. Nativa da América do Sul, a árvore floresce na capital entre setembro e novembro, com o ápice das flores entre setembro e outubro. Ao cair das folhas e nascer das flores, a espécie, que pode atingir até 15 metros de altura, aproveita a estação de estiagem para dar início à primavera. Maria Ivanilza Moreira, 53 anos, é uma grande apreciadora das espécies que florescem no Cerrado. Ela conta que, em seus passeios de bike, tenta sempre aproveitar para contemplar e registrar a abundância roxa que começa a transformar a cidade. “Eu acho linda a troca das folhas pelas flores. Moro aqui faz tempo e todos os anos elas aparecem”, afirma. A servidora pública acredita que as árvores trazem beleza e a sensação de leveza em meio ao calor e à seca, característicos desta época do ano. De nome científico *Jacaranda mimosifolia*, a espécie é da mesma família dos ipês. Apesar das semelhanças à primeira vista, as duas árvores diferem-se nas composições de suas folhas. Ao olhar de perto as pequenas partes individuais que formam o limbo da folha, é possível perceber a diferença. “Enquanto os jacarandás têm folhas compostas e bem divididas, o ipê tem folhas simples e maiores”, explica o doutor em ecologia e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB), Stefano Salvo Aires.

Desabrochar

Ainda que diferentes nas folhas, ambas possuem a característica de perder todas as folhas para dar lugar às flores. A tendência é de que a floração do jacarandá comece após o término da floração completa dos ipês. No auge da estiagem, a baixa umidade provoca um estresse hídrico na árvore que faz com que as folhas caiam, e as flores desabrochem. “As plantas vão passar por esse estímulo da estação seca, que vai sinalizar que a situação mais austera já passou. Conforme a umidade começa a aumentar, as sementes podem ser dispersas em condições melhores, e as flores aparecem”, esclarece o especialista. A planta sinaliza o começo da

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



As flores têm tons de lilás e roxo vívidos, e árvores podem chegar a 15 metros de altura

primavera, com a esperança de chuva para espalhar suas sementes”, explica Stefano. Brenda dos Reis também se encanta com a beleza do roxo do jacarandá em meio à vegetação tomada pela seca. “A gente vê aqui, não tem uma gota de água, tudo seco, e a não tem uma gota de água, tudo seco, e a não tem uma gota de água, tudo seco”, diz. No intervalo do trabalho de farmacêutica no Ministério da Saúde, Brenda aproveita para esticar as pernas pela Esplanada e registrar a graça do jacarandá. “Já tinha visto algumas vezes, mas não sabia o nome dela. Estava aproveitando o descanso e acabei me deparando com as florzinhas”, afirma. Natural do Pará e morando em Brasília há 8 anos, Cleiton Pereira confessa que nunca tinha reparado no jacarandá. Achara que era também um tipo de ipê. “Sempre reparei mais nos ipês aqui do Distrito Federal. Vi o amarelo na semana passada e achei que esse roxo também era ipê”, conta.

Atendente em uma padaria no Sudoeste, ele desfrutou da sombra da copa da árvore para descansar no intervalo da jornada. “Já achava as flores muito bonitas antes, agora que descobri o nome, vou apreciar muito mais”, destaca o paraense.

Versátil

Além de seu valor estético na arborização urbana, a planta também possui outras utilidades. No tupi antigo, jacarandá significa “árvore de madeira dura”. Isso porque seu tronco possui madeira firme, pesada, compacta e durável para construir diversos materiais. Além disso, nos últimos anos, os recorrentes episódios de desmatamento no Cerrado diminuíram a frequência com que a planta é encontrada, o que aumentou ainda mais a cobiça pela madeira de fácil manuseio. “Com ela, é possível fazer esculturas,

artesanatos e até construir móveis”, destaca o ecologista. Na indústria de móveis, ela é considerada como madeira de luxo. A árvore ainda pode se destacar pelo seu uso medicinal. Embora ainda não existam comprovações reais de seu uso terapêutico em humanos, alguns estudos revelam benefícios nas folhas e flores da planta. Um estudo publicado na *PLOS ONE*, em 2020, identificou nos extratos das folhas compostos fenólicos e flavonoides associados a atividades antioxidantes, anti-inflamatórias e antimicrobianas. Outro trabalho, publicado na *Heliyon*, também encontrou nos extratos das flores substâncias como quercetina, ácido gálico, ácido cafeico e rutina, além de atividade antioxidante e capacidade de inibir algumas bactérias.

***Estagiária sob a supervisão de Tharsila Prates**

Jacarandás começam a florescer e colore a paisagem de roxo na capital do país. Árvore começa a transformar a vegetação do Cerrado, abrindo passagem para a estação das flores



Cleiton Pereira posa sob pé de jacarandá: “Achava que era também um tipo de ipê”